

# COMUNICAÇÃO

## UMA REPÚBLICA DE LEITORES As Cartas Chilenas e a história da leitura (ensaio de intenções)

*Joaci Pereira Furtado*

"Escrever e propiciar a manifestação alheia; em que a nossa imagem se revela a nos mesmos".

*Antonio Candido*

### I. INTENÇÕES

Como as Cartas Chilenas tem sido lidas?

Lamentamos começar a presente comunicação provocando certa decepção aos que esperam ouvir respostas. É sintomático iniciarmos nossa fala com uma pergunta. Padecemos aquela fase da pesquisa em que se tateia no escuro, buscando definir a forma que o trabalho vai assumindo a medida que se avança nas leituras, se experimentam modelos técnico-metodológicos ou se conversa demais com colegas e professores. Assim, até que neste momento nos comportamos semanticamente com muita coerência, pois em latim "communicare" significa "tornar comum" - e outra coisa não faremos aqui senão socializar nossas dúvidas, projeções e as poucas certezas. Na realidade, desejamos apenas tornar públicas algumas idéias que submeteremos ao espancamento acadêmico nos próximos dezoito meses - algo que, para satisfação ou desespero de todos, pode começar aqui.

Por mais ociosa ou abstrusa que pareça a pergunta com a qual iniciamos, responde-la pode clarear aspectos de um importante tema da cultura brasileira: a obra de Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810?). Reverenciado também como inconfidente, pode-se dizer que ele é um dos mais nobres poetas de língua portuguesa, citado e estudado em uma infinidade de situações e ainda hoje despertando interesse. Talvez um cidadão medianamente informado não precise de muito esforço para lembrá-lo se lhe perguntarmos quais os grandes nomes da Literatura brasileira. Em todo caso, se nos limitarmos a opinião dos críticos desde o século passado, notaremos um tranqüilo consenso quanto a excelência dos escritos gonzagueanos.

Mas nossas preocupações restringem-se a sua sátira, que ocupa um lugar especial na obra de Gonzaga. Trata-se de um texto cuja autoria até há alguns anos era discutida, singularizado pelas circunstâncias em que foi escrito, portador de problemas editoriais ainda não resolvidos (o que não

e uma exceção na obra desse poeta) e, ao mesmo tempo, seu segundo trabalho mais conhecido. Nosso propósito aqui é esboçar algumas considerações sobre um estudo que se dedique às formas de interpretação das Cartas desde sua publicação, em 1845. As dimensões de tal empresa ficam bem mais complexas se considerarmos a frequência com que o panfleto é invocado pela historiografia referente ao período final da mineração. A definição de seu autor também fez acumular uma enorme bibliografia - isto sem contar sua tradição crítica. Portanto, a idéia que esclareceremos adiante é a de uma história da leitura das Cartas Chilenas.

O que diremos a seguir - perdoem se isto ressoa como uma insistência lamuriosa - apenas da conta do atual estágio de nossas reflexões sobre um tema com o qual convivemos há algum tempo e registra as mudanças que operamos em nossos planos iniciais<sup>1</sup>. Trata-se de um exercício, um "ensaio" que inaugura a nossa longa e tortuosa experiência de escrever uma dissertação de mestrado. Vocês encontrarão, com certeza, lacunas e contradições, algum rebuscamento na maneira de nos expressar e, não raro, afirmações perigosas. Mas esperamos que todos tenham paciência com nossa fragilidade de aprendiz - o que não significa pedir misericórdia. Desejamos que, ao menos como um primeiro passo, tenha valido a pena.

## II. PROPOSIÇÕES ou NA CÂMARA ESCURA

Talvez jamais saibamos como os habitantes de Vila Rica, naqueles fatídicos anos de 1780, entendiam o que Critilo dizia com suas Cartas Chilenas<sup>2</sup>. A leitura contemporânea do panfleto perdeu-se para sempre, pois dificilmente alguém deixaria por escrito - ou relataria para alguém que escrevesse - suas impressões sobre algo então considerado subversivo e que até deve ter sido lido por uma minoria de letrados.

É provável que o grosso daquela população sequer tenha ouvido falar da existência de tal libelo, já que ela era em sua maioria escrava e analfabeta<sup>3</sup>. Isto reduz - e muito - o número dos habitantes a que nos referimos. Alias, não há registros de como o panfleto circulou, embora seja certo que não foi impresso<sup>4</sup>. Supõe-se que cópias manuscritas foram afixadas em lugares públicos da movimentada capital mineira<sup>5</sup>, mas isto seria uma tarefa, no mínimo, arriscada para quem desejava manter-se incógnita após escrever treze (ou mais) "cartas" dizendo, por exemplo, que o governador Cunha Menezes se sairia melhor como sapateiro<sup>6</sup>. Há indícios de que a existência da sátira chegou ao conhecimento do agravado representante de Sua Majestade, que até teria ordenado uma inócua busca dos "pasquins"<sup>7</sup>. Mesmo durante a devassa da Inconfidência Mineira mencionou-se algo a respeito<sup>8</sup>, mas isso não impressionou as autoridades, que pareciam preocupadas com outras coisas. As próprias cópias que sobreviveram aos humores da História são objeto de controversia<sup>10</sup>, sendo muito possível que nunca saibamos a forma exata do poema lido naquele tempo.

De qualquer forma, baseadas em manuscritos da época, as Cartas Chilenas ressurgem em 1845 - embora em 1826 a "Epístola a Critilo" já houvesse sido publicada - , com sete das treze "cartas" que constituem a versão que hoje parece definitiva. Somente a partir de então possuímos registros do que as pessoas pensavam quando liam os "sucessos do Fanfarrão" narrados por Critilo. Não nos referimos aqui a qualquer pessoa, mas a um tipo muito especial de leitor - o intelectual, principalmente aquele interessado na História e na Literatura do Brasil. O anônimo folheador das Cartas - de certo trazido a elas pela miríade de interligações entre Tomás Antonio Gonzaga, Marília de Dirceu e a Inconfidência Mineira - não nos legou sua opinião, pelo menos não da maneira explícita e sistemática como os estudiosos fizeram. Mas isto é assunto para outro lugar.

Desde que o panfleto foi impresso, uma considerável bibliografia sobre ele vem se acumulando; seja em obras exclusivamente dedicadas ao poema ou em passagens de compêndios de Literatura ou História brasileira. O fato é que diversos historiadores, críticos, teóricos da Literatura,

escritores, filólogos e diletantes em algum momento de suas fainas intelectuais se debruçaram sobre as Cartas. E são eles os únicos que, de uma ou de outra forma, nos deixaram suas impressões acerca do provocante escrito satírico. Sim, porque mesmo em se tratando de áridos estudos estatísticos sobre sua autoria - de longe, o aspecto que mais desafiou a curiosidade ou a soberba eruditos -, certas posições foram inevitavelmente assumidas, por mais sutis que pareçam. Afinal, a simples tentativa de se colocar o libelo sob a pena de Antonio Diniz da Cruz e Silva<sup>12</sup> e não de outro e mais eloqüente do que se imagina. Mais que isso, dos que se propuseram a escrever algo sobre as Cartas Chilenas poucos se furtaram a interpretação explícita - o que tem sido feito há quase cento e cinquenta anos.

Isto quer dizer que é possível acompanharmos as maneiras como esse texto foi apreendido por uma sofisticada espécie de leitor - a que hoje o dialeto estatístico muito provavelmente chamaria de "formador de opinião" - e analisar suas idéias sobre ele. Em outras palavras, podemos escrever uma história da leitura das Cartas Chilenas a partir do discurso "erudito", "científico", "competente" - ou o nome que se queira dar em contraposição a "popular", "leigo", "informal" -, tentando, sobretudo percorrer o caminho inverso da relação leitura-leitor - ou seja, saltar das páginas em que o autor registrou suas idéias a respeito do panfleto para o universo intelectual de onde ele as retirou. O que implica em perceber "como" e "por que" os dizeres de Critilo foram entendidos como um "prefácio" a Inconfidência Mineira<sup>3</sup> ou como o protesto injuriado de um iluminista - ainda que de última hora e amorenado pelos trópicos". Essas opiniões também são historicamente contaminadas, apesar da pretensa assepsia dos que se imunizam com o discurso e o instrumental "científicos". Alias, isso fica mais evidente quando, ao circularmos paralelamente pela bibliografia sobre as Cartas e a Inconfidência, notamos acentuada identidade entre o que se diz sobre uma e outra - isto é, pelo menos até certa altura e em sua grande maioria, o que se escreve acerca da sátira e da conjura conflui para a construção de uma leitura mitificadora de ambas, entorpecida pela idéia de que elas representariam um momento crucial de resistência a tirania e a opressão, por sua vez eivada dos valores da Ilustração, atenta aos movimentos insurrecionais (em especial a Independência norte-americana) e alimentada pelo altruísmo libertário dos inconfidentes, que Joaquim Jose da Silva Xavier teria levado ao extremo", é claro que esta afirmação é bastante simplificadora, atropelando inegáveis tensões interiores a longa bibliografia sobre os dois temas. Mas ela funciona como o fio de Teseu, possibilitando-nos caminhar por onde trechos de diversos percursos formam uma única trilha. É esse traço comum permeando o entendimento da sátira de Critilo - pelo menos até meados deste século - que desejamos compreender. Afinal, deve haver uma explicação para a coincidência de opiniões entre, por exemplo, Sílvio Romero, Caio de Mello Franco e Alberto Faria<sup>16</sup> - os quais, apesar de atribuírem as Cartas a autores diferentes, vêm no panfleto a mesma dignidade democrática que teria movido os conspiradores de Minas. Há certamente modos de esclarecer a cristalização desse discurso, os labirintos intelectuais que percorreu, seus veículos com o momento, seu parentesco com a historiografia tradicional da conjura, os indícios do que poderíamos chamar de "ideologia". Enfim, de certo modo podemos entrar nos gabinetes dos letrados do passado e estabelecer com eles um paciente diálogo - ainda que nem sempre muito fluente -, examinando sua bibliografia, os métodos e sobretudo suas idéias ao ler (e escrever sobre) as palavras de Critilo.

Talvez já esteja evidente que não concordamos com o que poderíamos chamar de "leitura convencional" das Cartas Chilenas - e, por extensão, da Inconfidência Mineira<sup>17</sup>. De fato, a conjura derivou mais de um desarranjo circunstancial entre os interesses da elite mineira e a política colonial da Coroa portuguesa - seguida de uma acomodação quase que imediata - do que de um sentimento nacionalista apimentado pelo exemplo da América Inglesa<sup>18</sup>. Quanto a sátira, não é preciso grandes malabarismos hermenêuticos para notar que o libelo transpira indignação e perplexidade com "desordem de um governo despótico", voltando-se saudosos para aquilo que havia sido ou deveria

ser a normalidade. Mas qual normalidade? Bem, para satisfazer essa pergunta e preciso levar em conta certas sutilezas do pensamento de Critilo - algo que, por um motivo ou por outro, possivelmente a totalidade de seus críticos e estudiosos sempre ignorou.

Assim como a etiqueta "iluminista" não fica bem na roupagem discursiva do panfleto, debitá-la simplesmente a um vago "despotismo esclarecido e mentalidade colonial"<sup>20</sup> também diz pouca coisa. Na realidade, as posturas das Cartas não se esgotam nos limites de maniqueísmo entre "Ilustração" e "Absolutismo" - que, alias, nem são tão incompatíveis assim<sup>21</sup>. Como já não ha mais dúvidas quanto a autoria da satire<sup>22</sup>, ela se afina perfeitamente com o restante da obra de Tomas Antonio Gonzaga - um case muito especial de mimetismo estético-ideológico<sup>23</sup>.

Trajando os mais puídos valores do "Ancien Régime" luso, Gonzaga circula ate com certa elegância pelos salões da moda intelectual européia de então. É o caso de seu tratado sobre o Direito Natural<sup>24</sup>, assunto da agenda de Montesquieu e Rousseau mas que ele esvazia de qualquer conteúdo revolucionário, submetendo a "sociedade civil" aos imperscrutáveis desígnios divinos e a vontade inquestionável do Príncipe<sup>25</sup>. As liras<sup>26</sup> - e nisto coerente com a forma como os cânones do Arcadismo foram lidos em terras lusitanas - resolvem sem maiores transtornos a incompatibilidade que a princípio o catolicismo tridentino de Gonzaga imporia ao paganismo árcade. Os versos a Marília, se apenas muito discretamente se referem a tradição judaico-cristã e jamais mencionam o nome de Deus, por outro lado insinuam-se por um cipoal de imagens literárias, onde a mitologia greco-romana desempenha um papel meramente figurativo, enquanto a presença ambígua do fado e da Providencia mal encobre a mão do cristianíssimo Todo-Poderoso<sup>27</sup>.

Apesar de se servir da sátira - uma arma amplamente utilizada no século XVIII para se lançar acido sobre os comportamentos sociais -, nas Cartas Chilenas, em que pese sua repugnância a opressão despótica e profunda simpatia pelo "rei- filósofo, o poeta indigna-se diante dos desmandos do Fanfarrão - um chefe que "só vem para castigos de pecados"<sup>28</sup> - e nada mais. Nenhuma palavra sobre insurreição ou resistência. Desejos de que a observância das "sagradas leis do reino"<sup>29</sup> retome logo a sofrida Chile, Critilo espera que os súditos padeçam cristamente aquele desgoverno - ate o "dia em que mão robusta e santa / depois de castigar-nos, se condoa / e lance na fogueira as varas torpes"<sup>30</sup>. Seus versos ficariam como testemunho de uma calamidade que nunca deve se repetir<sup>31</sup> - o que vai depender mais da virtude do governante do que da vontade dos governados<sup>32</sup>.

Gonzaga não esta nem adiante nem atrás em relação a seu tempo, mas com as idéias "no lugar"<sup>33</sup>: exatamente no clima de pombalismo, versão lusa da reforma conservadora do Estado absolutista que se convencionou chamar de "despotismo esclarecido"<sup>34</sup>, ainda que em termos teóricos essa conciliação não seja tão tranquiila<sup>35</sup>. De algum modo, sua obra ate pode ser considerada "revolucionaria", pois foi uma solução original - em diversas formas e situações - para decisivas inquietações do homem moderno a partir do que se experienciava em Portugal e seus domínios. Isto e, Gonzaga, Dirceu e Critilo encontraram "respostas possíveis" para problemas específicos que a política, a arte e o conhecimento - as voltas com o vendaval de mudanças que varria a Europa setecentista - enfrentavam no reino português.

Não foi por falta de pesquisa ou erudição que os estudiosos das Cartas Chilenas passaram insensíveis por essas sinuosidades do pensamento gonzagueano. É claro que se pode atribuir alguma culpa aos crônicos problemas de documentação da época e a tênue confiabilidade editorial dos textos de Gonzaga - mas isto e insuficiente para inocentar seus leitores "cultos" de qualquer envolvimento com métodos, teorias, posições sociais, ideologias, enfim, com a História. É muito provável que a maioria deles tenha cumprido - e bem - um certo papel social, onde cabe refinar e divulgar a maneira como determinada classe vê as coisas - mesmo se nessa visão "os homens e suas relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmara escura..."<sup>36</sup>.

### III . PERCEPÇÕES OU O ENIGMA DA LEITURA

Mesmo sem saber, quando uma pessoa lê um poema na verdade ela o reescreve. Assim um como quadro pode despertar as reações mais diversas - do desprezo nauseado a admiração histérica -, a obra literária possui uma formidável elasticidade interpretativa, que tanto pode elevá-la ao Olimpo dos "clássicos" quanto atira-la a vala comum da mediocridade. Van Gogh e James MacPherson ilustram bem os dois casos<sup>37</sup>.

Podemos ser acusados, pelo que acabamos de dizer, de confundir "interpretação" com "juízo de valor" - mas realmente não conseguimos divorciar as duas coisas, mesmo que sejam distintas<sup>38</sup>. Acabamos de ver que uma obra de arte hoje incensada ate pelo senso comum pode ter sido execrada no passado justamente porque não foi "bem compreendida" naquele tempo. Nossa cultura desenvolveu um aparato sofisticado, freqüentemente com pretensões de objetividade, que não só pontifica sobre "o que e arte" como também hierarquiza os objetos artísticos conforme sua "excelência". Dá-se a isso o nome de "critica"<sup>39</sup>. No campo da Literatura e ela que estabelece a nobiliarquia dos "grandes autores" e organiza a percepção "erudita" das obras, reformando seu significado ao gosto da sensibilidade do momento. Em outros termos, a medidas que as gerações de críticos se sucedem na dissecação de suas paginas, o texto literário e reescrito e reinscrito naquele instante histórico através de novas incisões interpretativas, ainda que suas palavras sejam as mesmas. O leitor "culto", embora vinculando a publicação de seu modo de ler a certeza de que este e pelo menos mais plausível do que o de muitos, não desenvolveu anticorpos contra os contágios de seu ambiente histórico-cultural. Como qualquer comum dos mortais que detém os olhos sobre os versos de um poema ou as linhas de um romance, o "erudito" - seja historiador, critico, teórico da Literatura - age, ainda que de maneira privilegiada, como "segundo autor" da obra que lê, recolocando-a em seu contexto, reabilitando-a para novos significados, traduzindo numa dimensão semântica o que e velado peio imaginario<sup>40</sup>.

Isso resulta dos "vazios" textuais que o leitor ocupa com suas representações, tomando a obra dialeticamente múltipla em sua compreensão<sup>41</sup>. E nessa relação assimétrica entre texto e leitor - cuja fluidez cabe mais as projeções do segundo do que a polissemia do primeiro - interpõe a realidade de quem le<sup>42</sup> - o contexto da leitura, diriam os especialistas, onde seu sentido e construído<sup>43</sup>. Ora, isso tem implicações muito serias, pois estamos irrecorrivelmente sentenciados a cumprir nossa pena como prisioneiros da História: somos contemporaneos de uma sensibilidade, pertencemos a uma classe social, estamos infectados por idéias e preconceitos, temos nossos interesses e duvidas - enfim, somos cidadãos do volúvel e multifacetado universo da cultura que, entre outras coisas, nos propicia a atmosfera da leitura<sup>44</sup>.

Portanto, através do esquadramento da extensa lista bibliográfica sobre as Cartas Chilenas, tencionamos espreitar o leitor quando, solitário diante dos versos de Critilo, ele se pergunta: "o que o texto me diz e o que eu digo sobre o texto?"<sup>45</sup>. Porem, de nada vai valer esse esforço se esperamos ouvir uma resposta que confira com modelos transcendentais ou atemporais de percepção estetica<sup>46</sup>, pois essa experiência tem data - e, o que e mais grave, suas próprias feições historicas<sup>47</sup>. É aqui que entramos com o instrumental do nosso oficio, pois os historiadores dispõem de algumas armas - mesmo que intelectualmente neolíticas - para enfrentar questões a respeito - ou pelos menos já conviveram com essa problemática o suficiente para vislumbrar algumas saídas - como, por exemplo, sair a cata das listas de freqüência das bibliotecas ou dos títulos que elas guardavam<sup>48</sup>. Ou então analisar estampas que retratem o ato de ler<sup>49</sup>. Ou ainda estudar o livro enquanto objeto e mercadoria, percorrendo o longo circuito sócio-econômico que separa o escritor do leitor<sup>50</sup>. Mas esses procedimentos aplacam apenas um tipo de curiosidade: o de saber qual o lugar da leitura e do livro em nossa cultura<sup>51</sup> - o que não satisfaz totalmente a pergunta do princípio deste parágrafo.

Na verdade, desvendar a interpretação de textos no passado requer ferramentas muito mais

sutis - e assim mesmo corremos o risco de ser pouco menos que superficiais ou anacrônicos<sup>52</sup>. A própria idéia de leitura varia de uma época para outra: já houve quem a considerasse prejudicial a saúde<sup>53</sup>. Talvez, se pedirmos socorro à teoria literária, seja possível avaliar as potencialidades coercitivas - mas não determinantes - dos textos. Aos historiadores caberia constatar "quais as leituras que efetivamente ocorreram"<sup>54</sup>. Parece uma solução razoável, principalmente quando pensamos no estranho moleiro friuliano de Carlo Ginzburg<sup>55</sup> ou na curiosa tragédia quinhentista relida por Natalie Davis\*.

Os leitores que resolvemos investigar tem suas idiossincrasias, naturalmente - o que nos coloca enigmas específicos, cujas respostas não poderão ser menos singulares. Eles formam "comunidades interpretativas"<sup>57</sup> que no Brasil obedecem a estatutos rígidos e exclusivistas, uma certa elite que lidera a opinião literária, que freqüentemente impõe o império do seu gosto<sup>58</sup> e que não por acaso coincide com as classes dominantes. Não estaríamos exagerando se afirmássemos que, pelo menos até recentemente, esse público de privilegiados lia para si e recitava para "uma sociedade de iletrados, analfabetos ou pouco afeitos a leitura"<sup>59</sup>. O destino de muitos autores sempre dependeu da sua aquiescência - ou benevolência<sup>60</sup>. Dai não é difícil imaginar a atuação do crítico - ainda mais específica, pois ele seria algo como um "leitor habilitado", unguido pela erudição para refinar a interpretação literária, E talvez por isso mesmo, o que é pior, esse discurso sempre corre o risco de se maquiagem com "aparências de conceitos", isto é, com "racionalizações, cuja função imediata será ideológica, no sentido negativo do termo, de ocultamento do lugar (da classe) de onde se fala"<sup>61</sup> - algo que virtualmente elimina aquela relatividade do texto artístico<sup>62</sup>.

Mesmo que essa nossa idéia de um tom afinando a leitura das Cartas Chilenas acabe em frangalhos, restará a tarefa, não menos instigante, de compreender os sentidos que a sátira assumiu nos últimos cento e cinquenta anos<sup>63</sup>. É possível que após revirar tudo encontremos uma infinidade de opiniões que se esquivem a qualquer amarra classificatória ou contra as quais não localizamos provas de cumplicidade com discursos ideológicos - mas, pensando bem, "não há relações de sentido que não estejam referidas e determinadas por um sistema de dominação"<sup>64</sup>.

#### IV . PROJEÇÕES

Escrever a história da leitura das Cartas Chilenas talvez seja mais complicado do que a princípio parece. Afinal, trata-se de quase um século e meio de interpretação - agravada pelo fato de localizar-se entre o ano de 1845 e a década de 1980, época de mudanças radicais que solaparam até mesmo o Brasil. Obviamente isso tem reflexos particulares em nosso caso, principalmente se imaginarmos o longo desfile de modas intelectuais do período, ao qual nossos críticos compareceram com muito empenho<sup>65</sup>.

Traduzido em termos práticos, nosso trabalho consistira num levantamento minucioso do que já se escreveu sobre o libelo - uma tarefa parcialmente concluída<sup>66</sup>, mas agora ampliada pela garimpagem de menções em textos não específicos. Basta lembrar que não há um escrevinhador da província<sup>67</sup> ou livro de História do Brasil que não se refira ao texto. Ao mesmo tempo não podemos perder de vista a trajetória da crítica literária brasileira - o que nos fornecera subsídios para compreender suas interpretações<sup>68</sup>. Por fim, a questão do "como se lê" e de longe a mais delicada e aqui registramos apenas algumas impressões iniciais a respeito.

Mas o momento mais grave caberá a montagem de esquemas explicativos da leitura do; versos de Critilo e a proposição de fases correspondentes a sensibilidade de cada momento - ou seja relacionar com seu contexto a maneira como cada período enxergava o panfleto, algo que não se resolve com receitas mecanicistas e que obedece até a uma tripla mediação<sup>69</sup>. Lembremos as conseqüências trazidas pela simples impressão do texto: exumado das tumbas arquivísticas, torna-se

mais facilmente objeto da dissecação acadêmica, adquirindo dimensões e significados distintos das intenções originais que levaram a sua redação. Por outro lado, o próprio percurso editorial do libelo já nos permite estabelecer referenciais para uma periodização das leituras, uma vez que ele passa de panfleto manuscrito a texto de revista, de texto de revista a livro, de livro a reedições, de reedições a antologias, de antologias a obras completas e de tudo isso aos manuais de Literatura, aos estudos literários e as teses universitárias. São formas diferentes que corporificam modos distintos de compreensão afetados pelo agitado trânsito de idéias e sensibilidades estéticas que congestionaram os séculos XIX e XX. Basta lembrar a marcante ótica romântica, as análises de tempero positivista, a avalanche modernista ou a insólita heterodoxia da "Nouvelle Histoire". Todos os leitores estão em maior ou menor grau comprometidos com essas e outras maneiras de encarar a realidade e particularmente os versos dos poemas. Mas por detrás da leitura de muitos deles podemos nos deparar com a câmera escura a inverter o sentido das coisas.

## NOTAS

- 1- FURTADO, Joaci Pereira. *A republica de Critilo*; Tomas Antonio Gonzaga e as "Cartas chilenas". São Paulo, mimeo., abril de 1990. (Projeto de pesquisa apresentado a Comissão de Bolsas do Departamento de História da USP). 56 p.
- 2- GONZAGA, Tomás Antonio. Cartas chilenas, em que o poeta Critilo conta a Doroteu os factos de Fanfarrao Minesio, governador de Chile. In: \_\_\_\_\_ . *Poesias - Cartas chilenas*. Rio de Janeiro: MEC/ENL, 1957. p. 181-315. (Prefacio e notas de M. Rodrigues Lapa.)
- 3- GORENDER, Jacob. Escravismo na mineração. In: \_\_\_\_\_ . *O escravismo colonial*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1980. p. 427- 50. SOUZA, Laura de Mello e. Os protagonistas da miséria. In: \_\_\_\_\_ . *Desclassificados do ouro; a pobreza mineira no século XVIII*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. p. 141- 213.
- 4- HELLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*; sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lolio L. de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985. p. 22.
- 5- FERREIRA, Delson Gonçalves. As "Cartas Chilenas" e a Inconfidência Mineira. *Análise & Conjuntura*. Belo Horizonte. V. 4, n. 2/3, p. 181, maio/dezembro 1989. LAPA, Manuel Rodrigues. *As Cartas chilenas; um problema histórico e filológico*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957. p. 8-9, 13-5.
- 6- GONZAGA, T. A. op. cit., p. 313.
- 7- MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa; a Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal (1750-1808)*. Trad. João Maia. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985. p. 124.
- 8- AUTOS DA DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA (ADIM). Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1977. v. 9. ADIM. Rio de Janeiro, MEC, 1936/38. v. 2.
- 9- PENNA, Jr., Affonso. Prefácio. In: LAPA, M. R. op. cit., p. XVI.
- 10-LAPA, M. R. ibidem, p. 107-26.
- 11-Idem, ibidem, p. 12.
- 12-MEIRELES, Cecília. Um enigma do século XVIII: Antonio Diniz da Cruze Silva. PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL COLOQUIUM ON LUSO-BRASILIAN STUDIES. Nashville, The Vanderbilt University Press, 1953. p. 161-4.
- 13-FRANCO, Caio de Mello. *O inconfidente Claudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931. p. 131.

- 14-FERREIRA, D. G. *Cartas chilenas; retrato de uma época*. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 184-96.
- 15-Apesar de breves, Heloisa Starling tem considerações interessantes a respeito da apropriação ideológica da Inconfidência Mineira. Ver STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais; os Novos Inconfidentes e o golpe de 1964*. Petropolis: Vozes, 1986. p. 83-7.
- 16-FARIA, Alberto. Crytonymos das "Cartas chilenas". In: *Accendalhas; literatura e folclore*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurílio, 1920. p. 7-50. Muito embora Faria descarte a participação de Gonzaga na Inconfidência - pois ele não teria se aparelhado "com revolucionários levianos" (p. 256) -, seu texto transpira certa simpatia pela "justeza de Critilo -no que não destoa do discurso mitificador que cerca o libelo. FRANCO, C. de M. op. cit., p. 129-235. ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1980. v.2, t.1.
- 17-"Por extensão" porque a historiografia tradicional aproxima as duas. Mas, como veremos, não ha necessariamente uma continuidade entre a sátira e a conspiração.
- 18-MAXWELL, K. op. cit. MOT A, Carlos Guilherme. *Atitudes de inovação no Brasil (1789-1801)*. Lisboa: Horizonte, s/d. 131 p.
- 19-GONZAGA, T. A. op. cit., p. 192.
- 20-BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981. p. 84.
- 21-FALCON, Francisco Jose Calazans. Estado absolutista e Ilustração. In: *Despotismo esclarecido*. São Paulo: Ática, 1986. p. 11-6.
- 22-Pelo menos ficou bastante difícil propor outro nome que não o de Gonzaga apos a publicação do convincente trabalho de LAPA , M. R. op. cit.
- 23-Não temos a pretensão de dizer qualquer novidade a respeito, ate porque já foi feito algo nesse sentido em trabalho recente, que aqui utilizaremos largamente. Trata-se de POLITO, Ronald. *A persistência das idéias e das formas; um estudo sobre a obra de Tomas Antonio Gonzaga*. Niterói, mimeo., 1990. 273 p. (Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.)
- 24-GONZAGA, T. A. Tratado de direito natural. In: \_\_\_\_. *Obras completas de Tomás Antonio Gonzaga*. São Paulo: Nacional, 1942. p. 357-556. (Ed. critica de M. Rodrigues Lapa.)
- 25-POLITO, R. op. cit., p. 82-98.
- 26-Uma boa edição: GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu*. Lisboa: Sá da Costa, 1944. 267 p. (Prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa.)
- 27-POLITO, R. op. cit., p. 62-71.
- 28- GONZAGA, T. A. *Cartas chilenas...*, p.291.
- 29-Idem, ibidem, p. 218, 252,261,263.
- 30-Idem, ibidem, p. 255.
- 31- Idem, ibidem, p. 190, 232. POLITO, R. op. cit., p. 11, 197.
- 32-POLITO, R. op. cit., p. 98-113.
- 33- A expressão vem de uma velha disputa: COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura brasileira: um intimismo deslocado, a sombra do poder? Cadernos de Debate*. São Paulo, n. 1, p. 65-7, p. 1976. FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. ibidem, p. 61-4. SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 13-28.
- 34- Mas o termo não e muito feliz. Ver FALCON. F. J. C. op. cit. p. 5-10. Ver principalmente *A época pombalina; política econômica e monarquia ilustrada*. São Paulo: Ática, 1982. 532 p.
- 35-POLITO, R. op. cit., p. 43, 46-7, 97-8.

- 36-MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alema.*-São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 21 (Introdução de Jacob Gorender) Ver também CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia.* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 125 p.
- 37-COLL Jorge. *O que é arte.* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 19, 21-2.
- 38-JÁUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: LIMA, Luiz Costa, org. e trad. *Teoria da literatura em suas fontes.* 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alyes, 1983, v. 2., p. 308, 312. . *A estética da recepção: colocações gerais.* In: LIMA, L. C, org. e trad. *4 literatura e o leitor; textos de estética da recepção.* Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979. p. 46.
- 39-COLI, J. op. cit., p. 1.2,22. .
- 40-ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual. In: LIMA, L. C. *Teoria da literatura...*p. 379-80, . Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: op. cit., p, 408-9. É muito oportuna a transcrição das palavras de Silviano Santiago a respeito: "Entre o livro impresso e a sua consideração como clássico - um clássico das letras - se situa a sua própria inclusão na História, sistema delicado e flexível, e também a sua condição de elemento modificador dentro do sistema a que ele pertence agora por direito adquirido junto aos críticos e historiadores. A acomodação da obra na História e o seu naufrágio no catalogo só podem ser anulados por um critico que a tome presente, contemporânea, - ou seja, transforme-a em prisioneira do próprio contexto histórico do critico. Se a obra e a mesma (em qualquer século que e lida), e apenas o nome do seu *segundo* autor (isto e, do critico) que lhe imprime um novo e original significado".SANTIAGO, Silviano. Eca, autor de "Madame Bovary". In: . *Uma literatura nos trópicos.*São Paulo: Perspective 1978. p. 50. (Grifo do autor). Ver também CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade.* 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985. p. 74.
- 41- - ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor...*, p. 88, 90, 120, 132. . Problemas da teoria... In: idem, ibidem, p. 379,. 382.
- 42-ISER, W. A interação..., p. 105. , Problemas da teoria..., p. 371. LIMA, L. C. O leitor demanda da literatura. In: . *A literatura e o leitor...*, p. 23-4, 34.
- 43-E como diz Wolfgang Iser: "... o sentido do texto e apenas a pragmatização do imaginário e não algo inscrito no próprio texto ou que pertencesse como sua razão final." ISER, Wolfgang, problemas de teoria..., p. 408.
- 44-Desta vez damos a palavra a Luiz Costa Lima: "sempre falamos de algum ponto; numa sociedade de classes, sempre falamos a partir de uma classe. Ora, porque a experiência estética não e regulada por conceitos, ela se torna mais apta tanto a abrigar prenações, quanto a permitir a visualização ou realização de experiências novas." LIMA, L. C. O leitor demanda..., p. 21. Ver também ISER, W. Problemas da teoria..., p. 375.
- 45-JAUSS, H. R. O texto poético..., p. 313.
- 46-GUMBRECHT, Hans Ulrich. A teoria do efeito estético em Wolfgang Iser. In: LIMA, L. C, (org.) *Teoria da literatura...*, p. 432.
- 47-Ou como prefere Jauss: "A percepção estética não e um código universal atemporal, mas, como toda experiência estética, esta ligada a experiência histórica". JÁUSS, H. R. O texto poético..., p. 314.
- 48-PROUST, Jacques. História social e história literária. In: GODINHO, Vitorino Magalhães, coord. *A história social; problemas, fontes e métodos.* Trad. M. A. M. Godinho. Lisboa: Cosmos, 1973. p. 301-16.
- 49-DARNTON, Robert. Primeiros passos para uma história da leitura. In: . *O beijo de Lamourrette; mídia, cultura e revolução.* Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 156.

50-op. cit., p. 109-31, 132-45.

5

54-Ou seja, suas "bases institucionais": "quem", "o que", "onde" e "quando" se le. Ver op. cit., p. 159.

51-idem, ibidem, p. 167.

52-idem, ibidem, p. 159-60.

53-idem, ibidem, p. 167. O autor já fez algumas tentativas em, por exemplo: . Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: . *.O grande massacre de gatos; e outros episódios da história cultural francesa.* Trad. Sonia Coutinho. 2. ed, Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 21-101, 141-88, 277-328.

55-GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.* Trad. M. B. Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 309 p.

56-DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerra.* Trad. Denin Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 188 p. A autora esboça um histórico de como o caso foi contado e recontado nos últimos quatro séculos (ver p. 20-1, 139-57), mas infelizmente ela não deu muita atenção a isso - o que não deixa de empobrecer a obra.

57-DARNTON, R. op. cit., p. 127.

58-CANDIDO, A. op. cit., p. 77.

59-Idem, ibidem, p. 81.

60-Idem, ibidem, p. 84-6, 91.

61-LIMA, L. C. O leitor demanda..., p. 21.

62-ISER, W. A interação..., p. 129.

63-Usando novamente as palavras de Darnton: desejamos "enfrentar o elemento de relação que se encontra no núcleo da questão: como leitores mutáveis interpretam textos variáveis?" DARNTON, R. *O beijo..*, p. 172.

64-MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* Trad. Sergio Miceli e outros. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. XIX.

65-ODALIA, Nilo. Formas do pensamento historiográfico brasileiro. *Anais de História*, Assis, n. 8, p. 31-40, 1976. A análise pode ser estendida a toda intelectualidade brasileira, em particular os críticos.

66-Ver bibliografia do projeto citado.

67-MAXWELL, K. op. cit., p. 138.

68-Citemos, por exemplo, MARTINS, Wilson. *A crítica no Brasil.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 v. CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero.* São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1945. 224 p.

69-PROUST, J. op. cit., p. 307.

Original Recebido em /09/90

Aceito para Publicação em 03/04/91